

## **INTERVENÇÃO NA ABERTURA DA SESSÃO DE LANÇAMENTO DO SITE “SABER DE CONTAS”**

Amartya Sen, prémio Nobel da Economia em 1998, escreveu no ano seguinte, no seu livro *O Desenvolvimento como Liberdade*, que *o desenvolvimento consiste na remoção de vários tipos de restrições que deixam às pessoas pouca escolha e pouca oportunidade para exercerem a sua acção racional*. Uma tal remoção alarga o espaço de liberdade das pessoas e, nomeadamente, a liberdade de escolherem de entre o que a vida lhes vai colocando pela frente, as opções ou os caminhos que lhes são mais convenientes. E, por isso, ele acrescenta que *o desenvolvimento pode ser encarado como um processo de alargamento das liberdades reais de que a pessoa goza*, entendendo-se que esse alargamento se obtém, nomeadamente, pela capacitação das pessoas e o aumento das suas potencialidades.

Uma restrição da liberdade necessária para fazer escolhas racionalmente informadas decorre da falta de conhecimento ou, numa linguagem mais prosaica, de saber. Por essa razão, a educação é um instrumento fundamental de potenciação das pessoas, alargando as suas liberdades reais. E por isso, se olharmos um mapa com a distribuição dos níveis de literacia na Europa no princípio do século XX, carregando mais nas cores dos países quanto maior for o seu nível de literacia, e nesse mapa substituímos a literacia e a data por desenvolvimento e por princípio deste século, não nos podemos surpreender se virmos uma correspondência praticamente perfeita entre as duas versões do mapa.

Mas, se no princípio do século XX, era o acesso à literacia da escrita que constituía o principal instrumento de capacitação para o desenvolvimento pessoal e social, no século XXI – onde esse instrumento está praticamente generalizado – o acesso à literacia financeira assume um papel de relevo como elemento diferenciador da dimensão dos espaços de liberdade de que cada pessoa dispõe para o referido desenvolvimento. Na verdade, a afluência material adquirida pelas sociedades neste século de intervalo – e traduzida, por exemplo, na multiplicação por 8 do PIB per capita mundial – e a prevalência que, entretanto, os instrumentos monetários e financeiros assumiram no quotidiano de cada um, tornaram a literacia financeira num instrumento

indispensável para navegar confortavelmente a vida actual. E, mesmo a própria literacia financeira, só por si, já não é suficiente como eficaz capacitador, se não for acompanhada pela capacitação com as tecnologias digitais que hoje são necessárias para lidar com o património monetário e financeiro. Pelo que, mais apropriadamente se poderá falar de literacia financeira digital.

Nesse sentido, a Associação Portuguesa de Bancos, assumiu na sua missão, e em representação dos seus associados, contribuir para a educação financeira da sociedade, com particular enfoque nas camadas onde este conhecimento está mais vulnerabilizado: os jovens e os idosos. Os primeiros, porque, apesar de adquirirem rapidamente a destreza tecnológica para lidar com os novos canais de contacto e transaccionais, carecem dos conhecimentos básicos de finanças. Os segundos porque, mesmo dispondo destes conhecimentos, carecem do conhecimento e/ou da agilidade tecnológica para aceder e transaccionar os instrumentos monetários e financeiros necessários ao normal fluir das suas vidas, ou a satisfazer necessidades ou aspirações. E, para ambos, visando sensibilizá-los para a importância de adopção de comportamentos financeiros esclarecidos, conscientes e responsáveis.

Para realizar essa vertente da sua missão, a APB lançou em 2011 um programa de promoção da literacia financeira, em articulação com o Plano Nacional de Formação Financeira, desenvolvido no âmbito do Conselho Nacional de Supervisores Financeiros.

É um programa dinamizado pelo Grupo de Trabalho de Educação Financeira da APB, que integra 14 bancos Associados, que está integrado num projeto europeu – desenvolvido pelo Grupo de Trabalho da Federação Bancária Europeia (EBF) – e faz parte do Comité FINLICO da *European Banking Training Network*.

Promovendo esta iniciativa, os bancos respondem também a um interesse próprio, na medida em que quanto mais e melhor formação e informação os seus clientes tiverem, melhor será a interlocução entre os dois lados e mais fáceis e esclarecidos serão os processos de tomada de decisão entre banco e cliente.

No âmbito deste programa têm sido desenvolvidas várias iniciativas para promover a literacia financeira junto das escolas, de PME e, mais recentemente, junto da comunidade sénior.

Dentro dessas iniciativas, posso destacar: (i) o *European Money Quiz* – um jogo de literacia financeira, jogado a nível nacional, todos os anos, por cerca de 50 escolas e 3 mil alunos do 3º ciclo; (ii) o Programa de Literacia Digital; e (iii) sessões de esclarecimento sobre temas financeiros – como sejam as mecânicas de utilização do crédito, ou as soluções de poupança disponíveis – e destinados, quer às escolas, quer à população em geral.

O problema maior com que este tipo de programas se defronta é a sua difícil escalabilidade e, consequentemente, a limitada dimensão dos alvos que se conseguem atingir regularmente. A insistência, e a persistência nas acções, tem sido a principal forma de ir superando esta limitação, conscientes de que o caminho se faz caminhando e que qualquer caminho, por mais longo que seja, se faz passo a passo.

É, pois, neste contexto, e visando alargar a base de envolvimento no nosso programa, e chegar de forma mais eficaz aos jovens, aos seniores e aos clientes bancários em geral, que lançamos agora este novo site – o **Saber de Contas**.

Chamámos-lhe **Saber de Contas** para enfatizar a tríade – apesar de só conter dois termos relevantes para o efeito – que consideramos indispensável na literacia financeira: **(i) Saber**, porque o conhecimento é uma capacitação fundamental para o alargamento do espaço das liberdades reais que conduzem ao desenvolvimento, pessoal e social, como explicou Amartya Sen; **(ii) Contas**, na acepção da calculatória necessária para avaliar as opções disponíveis para escolha e decisão e, depois, os resultados dessas escolhas; e **(iii) Contas**, na significação contabilística dos registos financeiros.

Como estas coisas não se fazem por si, esta iniciativa só pode estar de pé e a ser lançada aqui hoje, graças à diligente dedicação da equipa da APB. Dessa equipa e pelo papel de pivots da iniciativa e o incansável empenho que puseram na sua concretização, quero destacar a Joana Rodrigues e a Rita Machado, a quem agradeço o trabalho realizado para aqui chegarmos.

E agradeço a todos os que se nos juntaram neste lançamento, esperando que, concluída a sessão de apresentação, se tornem apoiantes e divulgadores da iniciativa. Também estamos receptivos a críticas e sugestões que nos queiram fazer chegar para melhorar a iniciativa.

Obrigado e Bem Hajam.

31 de Maio de 2022